

Pai precisa ter pau? Os sentidos de masculinidades sobre Thammy Miranda postos em circulação no Twitter

**Does Dad need to have a dick? The senses of masculinities about
Thammy Miranda put into circulation on Twitter**

**¿Papá necesita tener una polla? Los sentidos de masculinidades sobre
Thammy Miranda puestos en circulación en Twitter**

Kalliandra Quevedo Conrad

Universidade Federal de Santa Maria | kalliandraconrad@gmail.com

Valquíria Michela John

Universidade Federal do Paraná | vmichela@gmail.com

Regiane Ribeiro

Universidade Federal do Paraná | regianeribeiro5@gmail.com

Larissa Drabeski

Universidade Federal do Paraná | larissadrabeski@gmail.com

Felipe da Costa

Universidade Federal do Paraná | contato@felipedacosta.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir as noções de masculinidades relacionadas à paternidade a partir da circulação de sentidos no Twitter sobre a participação de Thammy Miranda em ação digital da campanha de Dia dos Pais da Natura, em 2020. Para isso, foram coletados os posts do Twitter na semana que antecedeu a campanha e destacados os *tweets* com referências a masculinidades para análise, sob a perspectiva da análise do discurso crítica. Como subsídio, foram revisitados alguns conceitos de masculinidades e discutiu-se como a paternidade transgênero se insere nesse contexto. Como resultado, foi possível observar que, apesar de ter havido repercussão a partir da visibilidade do pai transgênero na campanha, não houve, no *corpus* observado, um debate aprofundado que buscasse contraponto à lógica binária de gênero.

Palavras-chave: comunicação; masculinidades; transgênero; Twitter, análise do discurso crítica.

Abstract: The purpose of this article is to discuss the notions of masculinities related to fatherhood from the circulation of meanings on Twitter about Thammy Miranda's participation in a digital action of Natura's Father's Day campaign, in 2020. With that in mind, posts were collected from Twitter in the week before Father's Day and highlighted the tweets referring to masculinity to be analyzed in the perspective of critical discourse analysis. To support the analysis, some concepts of masculinities and how transgender fatherhood are inserted in this context were revisited. From the analysis, it was possible to observe that, although there was repercussion from the visibility of the transgender father in the campaign, there was no in-depth debate in the corpus that sought a counterpoint to the binary gender logic.

Keywords: communication; masculinity; transgender; Twitter; critical discourse analysis.

Resumen: El propósito de este artículo es discutir las nociones de masculinidad relacionadas con la paternidad a partir de la circulación de significados en Twitter sobre la participación de Thammy Miranda en una acción digital de la campaña del Día del Padre de Natura, en 2020. Para ello, se recolectaron publicaciones de Twitter en la semana antes del Día del Padre y tweets destacados con referencia a la masculinidad para su análisis desde la perspectiva del análisis crítico del discurso. Para apoyar el análisis, se revisaron algunos conceptos de masculinidades y cómo se inserta la paternidad transgénero en este contexto. Del análisis se pudo observar que, si bien hubo repercusión de la visibilidad del padre transgénero en la campaña, no hubo un debate en profundidad en el corpus que buscara un contrapunto a la lógica binaria de género.

Palabras clave: comunicación; masculinidades; transgénero; Twitter; análisis crítico del discurso.

Introdução

O que define um pai? É a garantia do amor paterno e a presença na vida dos filhos? Ou a paternidade seria fruto da concepção biológica de geração da vida? Até que ponto esse papel é definido biologicamente ou por uma construção social? A discussão sobre o que é ser pai esteve em alta nas redes sociais digitais, durante as semanas que antecederam o Dia dos Pais, em 2020. Isso porque a empresa Natura selecionou diversos pais para uma ação digital de divulgação da *hashtag* #MeuPaiPresente, em campanha alusiva à data.

Entre os pais contratados, esteve o ator, influenciador digital e vereador da cidade de São Paulo Thammy Miranda, homem transgênero que se tornou pai em 2020. Vale dizer que a transição de Thammy foi bastante midiaticizada, por ser filho da cantora Gretchen e por ter começado sua carreira muito tempo antes de se declarar homem trans, dançando em apresentações de sua mãe, além de já ter posado para a revista masculina *Sexy*.

Nos dias 22 e 23 de julho de 2020, Thammy postou em seus perfis no Instagram ([instagram.com/thammymiranda](https://www.instagram.com/thammymiranda)), no Facebook ([facebook.com/ThammyOficial](https://www.facebook.com/ThammyOficial)) e no Twitter (twitter.com/ThammyReal) um vídeo de momentos com seu filho Bento. Junto com o material audiovisual, um texto apresentava o desejo de que seu filho lembrasse dos bons momentos juntos e finalizava com a *hashtag* oficial da campanha, #MeuPaiPresente.

Entretanto, foi no dia 27 de julho, após a Natura anunciar, em vários veículos de comunicação, que Thammy faria parte da campanha do Dia dos Pais, ao lado de outras personalidades, como Babu Santana, Paulo Zulu e Henrique Fogaça, que o tema ganhou destaque nas redes sociais digitais. No dia 7 de agosto, a empresa postou um vídeo de 30 segundos em que todos os pais que participaram da ação falaram sobre o significado de ser pai.

Ainda que Thammy não tenha sido o destaque central da campanha e não estivesse no comercial veiculado na TV aberta, a representação da paternidade transgênero gerou grande repercussão e levou os nomes da Natura e de Thammy aos assuntos mais comentados do Twitter naquele dia 27 de julho (SACCHITIELLO, 2020). Um dos pontos principais foi o pedido de boicote à marca, proposto pelo pastor evangélico Silas Malafaia.

Diante desse contexto, surgiu a problemática apresentada neste artigo, que tem como objetivo refletir sobre as noções de masculinidades relacionadas a paternidade, a partir da circulação de sentidos no Twitter sobre a participação de Thammy na campanha Natura.

Embora as manifestações tenham sido realizadas em diversos ambientes virtuais, como nas redes sociais oficiais de Thammy Miranda e da Natura, propõe-se neste artigo analisar os comentários realizados na plataforma Twitter, que possui uma ferramenta de busca que possibilita a pesquisa por palavras-chave e data, além da captura do material pelo aplicativo NCapture, para a posterior análise no software Nvivo.

Para além de sua repercussão, o tema se mostra relevante, uma vez que os estudos sobre masculinidades são recentes e ainda pouco representativos, especialmente no recorte comunicação e gênero. Exemplo disso são as teses e dissertações da área da comunicação, produzidas de 1972 e 2015, entre as quais somente 4% traziam como vertente teórica as masculinidades e 20% traziam outros processos de generificação, como as dimensões *queer*, trans, gays e lésbicas (TOMAZETTI, 2019). Estes dados apontam predomínio no enfoque feminino entre os estudos de gênero, evidenciando as discussões sobre outros aspectos relacionados às identidades de gênero ainda como uma lacuna a ser explorada.

Para subsidiar a discussão, apresentamos uma breve retomada dos conceitos de masculinidades, em cruzamento com outras questões relacionadas a gênero, como a transsexualidade. Na sequência, é apresentada a análise dos temas abordados nos *tweets* que repercutiram o caso, classificados em categorias temáticas. A partir da leitura dos *tweets*, também foram destacados aqueles que abordaram questões de masculinidades, os quais foram explorados sob o viés da análise do discurso crítica (FAIRCLOUGH, 2016).

Gênero e masculinidades

Os estudos de gênero são razoavelmente recentes. Sampaio e Garcia (2010, p. 83) apontam uma maior intensidade por volta da década de 1970, mas destacam que, no início, falar em gênero era quase a mesma coisa que falar em mulher. Contemporaneamente, as pesquisas já se debruçam sobre problemáticas mais amplas, buscando também uma melhor compreensão da constituição subjetiva masculina e, “separando as categorias de sexo e gênero, questionam ou até mesmo rejeitam explicações biológicas”.

Em relação aos estudos sobre masculinidade, Bento (2015) aponta o seu surgimento também na década de 1970, mas afirma que eles passaram a se desenvolver de forma mais sistemática e consistente na segunda metade da década de 1980 – período, inclusive, em que foi formulado o conceito de “masculinidade hegemônica”. Ao longo do tempo, o conceito foi criticado, o que levou Connell¹ e Messerschmidt (2013, p. 241-242) a analisarem as críticas e a repensá-lo: “Esse conceito [em duas décadas] possibilitou uma ligação entre o campo em crescimento dos estudos sobre homens [...], ansiedades populares sobre homens e meninos, posição feminista sobre o patriarcado e modelos sociais de gênero”.

Compreendendo a masculinidade hegemônica como um padrão de práticas, os autores a definem como “a forma mais honrada de ser um homem”, que “exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”. Para eles, a masculinidade não está fixada no corpo ou nos traços dos indivíduos, mas em “configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245 e 250).

Embora a exclusão das mulheres seja uma prática comum para a manutenção da dominação dos homens sobre elas, Connell e Messerschmidt (2013) observam que este é um processo histórico, e não um sistema que se autorreproduz. Dessa forma, para manter um certo padrão de hegemonia, é necessário também o policiamento de todos os homens. Segundo Kimmel (1998, p. 111), a masculinidade hegemônica é instável e precisa ser provada a todo momento, “e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada mais uma vez: a busca por uma prova constante, durável, inatingível, torna-se em última instância, uma busca tão sem sentido que ela assume as características [...] de um esporte”.

Kimmel (1998, p. 105) defende que o hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, embora desigual na ordem social e econômica. Para o autor, o ideal da

¹ Connell é uma pesquisadora transexual, precursora nos estudos de masculinidades. Foi quem cunhou o termo “masculinidade hegemônica”. Inicialmente, assinava suas pesquisas como Robert W. Connell; posteriormente, passou a assinar como Raewyn Connell.

masculinidade hegemônica surgiu em uma desvalorização de “outros”. Neste ponto, afirma que a masculinidade é construída simultaneamente em dois campos de relações de poder. O primeiro, na relação entre homens e mulheres, que gera desigualdades de gênero, e o segundo, na relação entre homens com outros homens, base das desigualdades de raça, etnicidade, sexualidade, etc. “Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia”.

Da mesma forma, Bento (2015, p. 99) aponta que a homofobia e o machismo caminham de mãos dadas. “No entender do homem, é tão baixa a posição que a mulher ocupa na sociedade, que é inútil a tentativa de definir a si próprio em relação à mulher”. Já “a homofobia é o medo de que outros homens desmascarem, emasquem, revelem aos próprios homens como ao mundo, que aqueles que se dizem homens não são dignos, não são homens de verdade”. Como a identidade masculina é definida pela diferenciação em relação à mulher, e a presença do pênis é o principal fator biológico dessa diferenciação, podemos supor que a transfobia também seja uma das forças motrizes da masculinidade hegemônica. Por não ter pênis, o transexual masculino não poderia ser considerado um homem de verdade.

Por outro lado, a questão sexo/gênero também pode ser vista como uma tecnologia biopolítica. Para Preciado² (2017, p. 415), o sistema binário de gênero – feminino e masculino – não é uma marca biológica, mas sim um sistema de escritura das práticas de gênero nos corpos. “O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história de produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados”. A partir desse sistema de escritura, os corpos são definidos como femininos ou masculinos, assim como são definidos aqueles que são vistos como ameaças a essa lógica binária. Dentro de tal tecnologia, também chamada pelo autor de “máquina heterossexual”, existem expressões que fogem à normativa binária. Essas identidades, como no caso da bicha, da travesti, da *drag queen*, dos/as transgêneros, entre outras, contradizem o funcionamento perfeito da tecnologia e são tidas como um evento acidental ou uma falha na maquinaria heterossexual. Vistas como antinaturais ou anormais, as identidades que fogem do padrão heterossexual são, na realidade, produzidas pela tecnologia heterossexual como uma falha que é constitutiva da própria máquina.

Além das reflexões sobre masculinidade, é necessário voltar o olhar para a questão da paternidade transgênero. Zambrano (2006, p. 145) discorre sobre as parentalidades exercidas por transexuais e travestis, destacando que, “embora ‘impensáveis’, essas parentalidades são, entretanto, ‘visíveis’, e estão aí obrigando essas instituições sociais e campos do saber a uma adequação urgente e condizente com a realidade atual”. Em sua reflexão, a autora também destaca como a influência religiosa contribui para tornar a paternidade transgênero impensável, uma vez que torna sagrada a concepção de família baseada no modelo pai-mãe-filhos, relegando as demais possibilidades de configuração familiar ao campo do impensável ou do apagamento. Mas, vale pontuar, a existência das famílias que excedem a configuração imposta por uma sacralidade não é recente; porém, nos últimos tempos, elas têm adquirido mais visibilidade. Outro ponto relevante é de que são as regras

² Paul B. Preciado é um homem transexual.

estabelecidas socialmente que determinam realmente o vínculo de parentesco estabelecido entre a criança e o responsável. Dessa forma, a construção social estabelecida em determinado contexto é fundamental para pensar em como os diversos modelos de família são percebidos e em como ocorre a construção da paternidade transgênero naquele cenário.

Por fim, Zambrano (2006, p. 127) adota o termo “homoparentalidade”, criado em 1997, pela Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas (APGL), em Paris, para definir o vínculo afetivo entre pessoas do mesmo sexo e que incluiria também os casos de parentalidade travestis ou transexuais. No entanto, a própria autora diz que o termo é questionável, uma vez que dá enfoque à orientação sexual e adota uma lógica binária, o que acaba sendo insuficiente e promovendo certo apagamento da transexualidade.

No entanto, Souza (2013, p. 403) traz a discussão sobre possibilitar a existência discursiva de parentalidades transexuais e travestis, para além da homoparentalidade, considerando que a transgeneridade é um guarda-chuva que abarca diversas possibilidades, não se resumindo à lógica binária. A autora propõe o termo “parentalidade transgênero”, o qual optamos por adotar neste artigo.

Souza (2013, p. 405) aponta também que as “identidades [dos sujeitos transgêneros] são performatizadas num contexto dos conflitos em que a parentalidade se configura como um dos vetores desses conflitos”. A partir de pesquisa de campo com sujeitos transgêneros do Canadá, que lidam com constrangimentos sociais e culturais ao exercerem a parentalidade transgênero, ela discute a necessidade de reflexão sobre a construção discursiva dessas parentalidades no Brasil. Os sujeitos transgêneros exercem uma parentalidade que não tem reconhecimento na construção simbólica e social da parentalidade ocidental.

Nesse sentido, a existência discursiva das parentalidades transgênero, travesti e transexual pode abrir portas para o reconhecimento das suas especificidades, da sua diversidade de manifestações e dos diversos caminhos possíveis de se exercer a *parentalidade na sua relação com as performances de gênero* (SOUZA, 2013, p. 421).

Os apontamentos de Zambrano e de Souza reforçam a relevância da reflexão proposta aqui, ao analisarmos quais são os sentidos mobilizados a partir da campanha que trouxe visibilidade para a paternidade transgênero. Antes de apresentarmos os procedimentos e a análise em si, destacamos nosso entendimento de que, assim como homens heterossexuais podem não ser considerados cúmplices da masculinidade hegemônica, mulheres heterossexuais, bem como homens e mulheres homossexuais ou transexuais, também podem perpetuar os padrões da masculinidade hegemônica. Por isso, não iremos diferenciar os comentários de acordo com o gênero de quem o publicou. Trataremos os comentários como sendo escritos por interagentes que podem reproduzir ou não a masculinidade hegemônica por meio de seus discursos.

Procedimentos

Além dos aspectos mencionados na introdução, a opção por analisar o Twitter se deve, também, por seu alcance e potencial de engajamento no Brasil. Levantamento

realizado pela Statista³, referente ao ano de 2020, revela que 14,1 milhões de brasileiros estão cadastrados nessa rede social, com uma projeção de chegar a 18,6 milhões até 2026. O Brasil ocupa a quarta posição no ranking mundial do Twitter, com usuários bastante ativos e engajados, segundo a mesma pesquisa. Além disso, há um dado de gênero interessante: 63% dos brasileiros que utilizam o Twitter são homens.

Também vale destacar que um conjunto de estudos levantados por Gehrke e Benetti (2020, p. 411-412) apontam para a importância do Twitter como mobilizador da narrativa jornalística, o que amplia o alcance do que circula nessa rede para outros segmentos da sociedade. As autoras afirmam que essa rede social “tem a preferência dos jornalistas para a obtenção de informações porque se trata de um espaço em que pessoas públicas estão presentes e interação”.

A coleta foi feita com o uso da ferramenta NCapture, que utiliza a base de dados disponível pela API do Twitter para capturar as postagens pesquisadas no intervalo de até uma semana. É importante destacar que, em razão da limitação da ferramenta, não foram coletados os *tweets* do período em que o caso se tornou *trending topic* na rede social, mas apenas os da semana que antecedeu o Dia dos Pais (1 a 8 de agosto de 2020) e que mencionaram as palavras-chave “Thammy” e “Natura”, totalizando 937 *tweets* (foram desconsiderados os *re-tweets* e os *tweets* repetidos). Após a coleta, foi realizada uma leitura flutuante, a fim de ter contato com o material da coleta e identificar temas que emergiram do *corpus*. A partir desse primeiro contato com o material, foram selecionados 218 *tweets*, que efetivamente abordaram questões relacionadas às masculinidades, para prosseguir com a análise discursiva e observar os sentidos de masculinidades acionados na repercussão do caso.

A análise do discurso crítica e os sentidos de masculinidades

Entre as possibilidades de análise sob a perspectiva discursiva, selecionamos a análise do discurso crítica (ADC), de Fairclough (2016), cuja proposta nos permite explicar os modos como o discurso (re)produz, mantém e altera as relações de poder e dominação na sociedade. Em específico, buscamos identificar os sentidos de masculinidades produzidos a partir do conceito tridimensional de discurso: o discurso como texto, como prática social e como prática discursiva. Acreditamos que as práticas discursivas funcionam como pistas para compreender as práticas sociais, e estas, por sua vez, se expressam nos textos, tais como os que circulam nas redes sociais digitais.

Outro ponto importante que sustenta a escolha pela ADC é a possibilidade de vislumbrar uma mudança discursiva em relação à mudança social e cultural. Este ponto nos interessa, particularmente, por analisarmos relações sociais de gênero, as quais engendram padrões e normas binárias sobre o feminino e o masculino como conduta hegemônica, marcadamente expressas pela linguagem.

Sendo assim, a partir da tríade texto, prática discursiva e prática social, Fairclough (2016) apresenta diferentes categorias que nos auxiliam no processo de análise dos discursos sociais. Pela problemática apresentada e pelo caráter do texto analisado (comentários

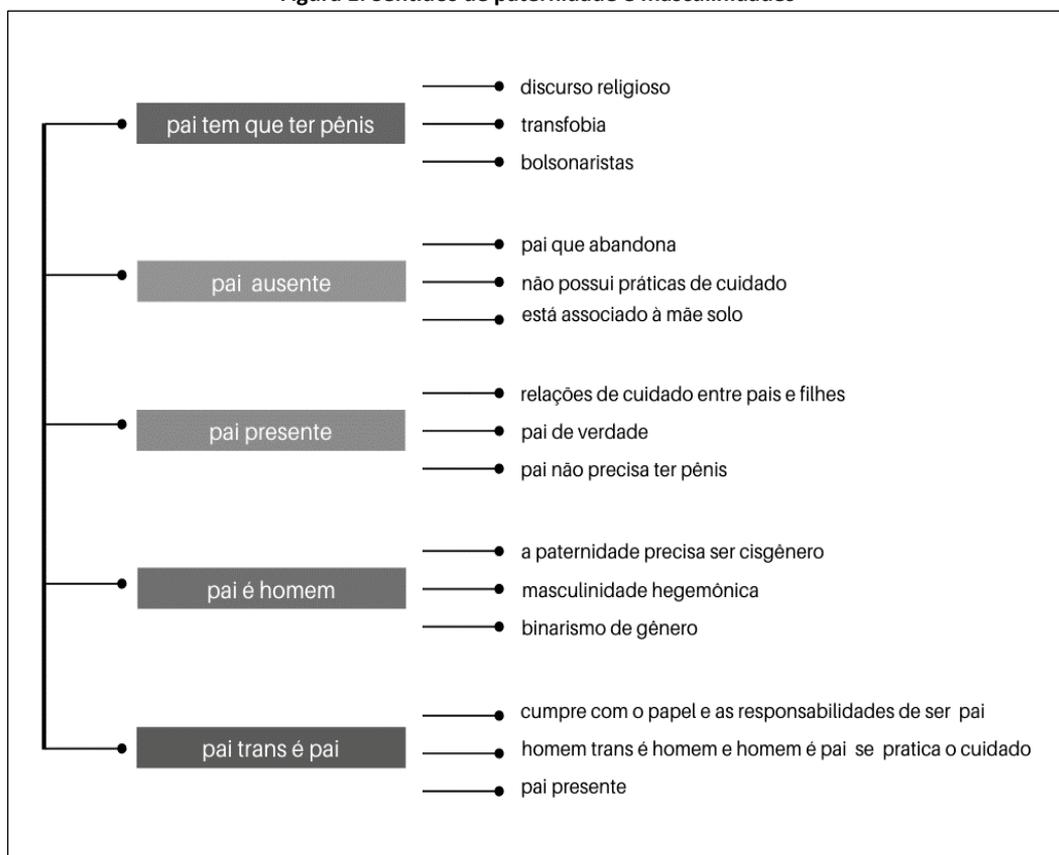
³ Disponível em: <<https://www.statista.com/forecasts/1146589/twitter-users-in-brazil>>.

do Twitter), selecionamos, no nível da microanálise, a categoria “vocabulário” e, como derivada desta, a subcategoria “significado das palavras”.

A partir do significado das palavras é possível identificar a relação entre as palavras e suas lexicalizações. A escolha dos sujeitos por determinadas palavras, e não outras, remete a diferentes valores socioculturais e posições discursivas. De acordo com Fairclough (2016, p. 239), “essas escolhas e decisões não são de natureza puramente individual: os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos”.

Em específico, nos propomos a olhar para os significados das palavras nos comentários sobre o caso Thammy que abordaram questões relacionadas a masculinidade, a fim de observar quais sentidos ali produzidos reforçam, mantêm ou desnaturalizam a ordem discursiva das masculinidades. Sendo assim, ilustramos, com a Figura 1, as principais “regiões” de sentido que mapeamos sobre paternidade (os 218 *tweets* selecionados) e, a partir disso, buscamos explicar os modos como a masculinidade é significada nos comentários.

Figura 1. Sentidos de paternidade e masculinidades



Fonte: Elaboração das autoras e do autor.

Uma vez que o mote da campanha da Natura foi a *hashtag* #MeuPaiPresente, as discussões sobre a participação de Thammy Miranda estavam ancoradas sob esse viés, apresentando diferentes significados sobre o que é ser pai. O vocabulário demonstra que a maioria dos comentários que reconhece a paternidade transgênero como legítima utiliza o artigo “o” como marcador do gênero masculino, respeitando a identidade de homem trans de Thammy. Os trechos na sequência ilustram esta posição:

Quadro 1. Comentários que utilizam artigo masculino

Numeração	Comentário
Referência 56	Vi hoje um cara falando que o Thammy Gretchen não pode fazer propaganda da Natura pq também existem pais cis presentes.
Referência 59	Boa noite e deixa o thammy miranda quieto. Já passou seu hidratante da Natura hj?
Referência 76	Pq o thammy que cria, sustenta, educa não pode ser pai? Tem tanta criança no mundo abandonada, passando fome e vcs de mimimi na Internet porque um homem transgênero está na campanha de dia dos pais da Natura? Me poupem...
Referência 109	As pessoas querem cancelar a Natura porque o Thammy está na publicidade do dia dos pais! Eu tô sentada de perna cruzada, esperando vocês cancelarem os pais que ABANDONAM os filhos, os pais que pagam 100 reais de PENSÃO e acham que é o suficiente pra sustentar uma criança!

Fonte: Elaboração das autoras e do autor.

A sacralidade da parentalidade heterossexual sugerida por Zambrano (2006) também é acionada nos discursos que questionam a paternidade transgênero, como nos exemplos:

Quadro 2. Comentários que ressaltam sacralidade da parentalidade heterossexual

Numeração	Comentário
Referência 34	E uma mulher da paróquia aqui do aventureiro que fez uma postagem no face criticando a natura e o thammy Miranda falando que ele não era pai que aquilo não era de Deus é o padre Ivam simplesmente comentou "boas pessoas são de Deus. E para ser pai não precisa de testiculos"
Referência 129	Concordo plenamente por acaso é homem ou foi transformado contra os pretexto de Deus . é uma aberração.

Fonte: Elaboração das autoras e do autor.

Os dois exemplos selecionados acima demonstram como a noção do sagrado é acionada para questionar a ideia da paternidade transgênero, negando a existência desta com a ideia de que seria contrária à vontade de Deus. Como aponta Zambrano (2006), ao tornar sagrado o modelo de família tradicional, acaba-se por colocar no apagamento as configurações que fogem a esse padrão.

É possível também inferir que há uma disputa de sentidos sobre o significado da palavra pai, que se movimenta em duas direções principais: de pai presente e de pai ausente. O embate discursivo posiciona o significado de ser pai como tarefa, responsabilidade, cuidado; o que representa a figura do pai presente. Enquanto a dimensão da corporalidade, expressa

pelo órgão genital masculino, é acionada para legitimar a paternidade. Vejamos alguns exemplos:

Quadro 3. Comentários sobre os sentidos para a palavra pai

Numeração	Comentário
Referência 16	O thammy não representa vcs na campanha da natura de dia dos pais pq ele é trans ou pq ele é um pai presente , ativo na vida e criação do filho, amoroso, carinhoso, atencioso e que cuida e divide as responsabilidades verdadeiramente?
Referência 19	Com o que as pessoas deveriam se preocupar: pais ausentes , que não pagam pensão, que abandonam uma mãe grávida, etc... Com o que as pessoas se preocupam: Thammy Miranda sendo o rosto propaganda da Natura de dia dos pais .
Referência 37	O povo falando mal da natura por chamar o @ThammyReal para a campanha do dia dos pais. cara, meu pai tem pau e esquece a porra do meu aniversário (que é hoje) , aposto que o thammy não esquece o aniversário do filho.

Fonte: Elaboração das autoras e do autor.

Há, nessa disputa, uma “vontade de verdade” (FOUCAULT, 1996) que busca construir, no e pelo discurso, o lugar legítimo da paternidade, que ora está atrelado ao comportamento e às práticas do cuidado, ora está associado à presença do pênis. Este último faz relação com o modelo de diferenças de gênero (CONNELL; PEARSE, 2015), em que o corpo seria a fonte natural de diferenciação/oposição entre homens e mulheres. Já a teoria dos papéis sexuais, fruto de investigação funcionalista (OLIVEIRA, 1998), apresenta-se em outra dimensão teórica (equivalente à anterior) para pensar as relações sociais, cujo processo de generificação dos corpos se desenvolveria pela socialização por meio da família, da escola, da mídia (CONNELL; PEARSE, 2015).

Esse entendimento sobre a generificação dos corpos é visto de outra forma por Preciado (2017; 2019). Apesar de não rejeitar a hipótese da construção social sobre o gênero, Preciado (2019, p. 414) considera que o sistema sexo/gênero precisa ser desconstruído para que possamos compreendê-lo como um sistema tecnológico mais amplo, que envolve estratégias, práticas, performances. E complementa:

O sexo, como órgão e prática, não é nem um lugar biológico preciso nem uma pulsão natural. O sexo é uma tecnologia de dominação heterossexual que reduz o corpo a zonas erógenas em função da distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afetos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatómicas.

Observamos que alguns comentários sobre Thammy podem ser interpretados sob o filtro teórico de Preciado (2017; 2019), haja vista a associação feita entre a presença do pênis e determinado comportamento/performance adquirido por meio de “um conjunto arbitrário de regulações inscritas nos corpos que asseguram a exploração material de um sexo sobre o outro” (PRECIADO, 2019, p. 414). Os exemplos a seguir corroboram essa interpretação.

Quadro 4. Comentários que reforçam a ideia do sexo como tecnologia de dominação

Numeração	Comentário
Referência 60	Se o thammy não fosse uma figura pública, não se declarasse trans e fosse fazer a propaganda da Natura, ninguém iria comentar pois nitidamente vc tem uma figura de um homem ali. Podemos concluir que essa representação dos “pais brasileiros” não é da figura homem, e sim, do pau.
Referência 69	Ainda sobre a bola fora da NATURA...conversando com uma lacradora ue queria me impor o "novo normal": o mundo seria melhor se houvesse mais Thammys! Eu: o mundo não seria mundo, Thammy não tem p@u, não produz esperma...THE END! Simples assim.

Fonte: Elaboração das autoras e do autor.

Além disso, percebemos que tanto os processos de socialização quanto a inserção dos corpos em tecnologias de gênero possibilitam a construção de diferentes versões de masculinidade. Sendo assim, os sentidos construídos sobre o que é ser um “pai presente” se organizam de modo que, mesmo que o padrão de masculinidade seja mantido, outras características associadas ao comportamento feminino (práticas de cuidado) e ao masculino (sustento dos filhos e filhas) são incorporadas ao que é ser homem e pai.

Dessa forma, diferentes sentidos para a masculinidade e a paternidade convergem para a mesma posição discursiva, ainda que estruturados por matrizes discursivas diferentes. É o que identificamos nos comentários que associam o binômio pênis-paternidade aos bolsonaristas (nos *tweets*, utilizam os termos “bolsominions”, “bolsolóides”, “#forabolsonaro”). Essa perspectiva também é identificada nos comentários que criticam o discurso religioso e o utilizam como fundamento biológico, naturalizando a heteronormatividade. Sobre esse conceito, Miskolci (2009, p. 156-157) afirma que

heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” de heterossexualidade.

Apesar das críticas e de se construir sentidos em defesa da paternidade do Thammy, esses comentários não desestabilizam os sentidos sobre a paternidade transgênero. Por isso, podemos dizer que tal posicionamento não está relacionado à desconstrução do padrão de masculinidade cisgênero e heterossexual, mas sim a uma polarização política – o que torna o debate superficial, silenciando a transfobia apresentada nesses comentários.

Concordamos com Connell e Messerschmidt (2013, p. 265), quando afirmam que “gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da femilindade”. No trecho “Thammy não tem p@u” (Referência 69), o órgão genital é tanto uma marca inscrita no corpo pela “máquina heterossexual” (PRECIADO, 2017) quanto uma condição para que o gênero masculino possa assumir o papel de pai.

Por isso, não admitir que uma pessoa possa transgredir o gênero atribuído no nascimento (neste caso, o feminino) para assumir o lugar da paternidade, pode ser interpretado como uma estratégia de subordinação/opressão para manter a hegemonia do masculino sobre o feminino.

Devido ao fato de o conceito de masculinidade hegemônica ser baseado na prática que permite a continuidade da dominação coletiva dos homens sobre as mulheres, não é surpreendente que em alguns contextos a masculinidade hegemônica realmente se refira ao engajamento dos homens a práticas tóxicas - incluindo a violência física - que estabilizam a dominação de gênero em um contexto particular (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255).

A palavra pai sofre lexicalizações relacionadas às práticas do cuidado, comumente sob a responsabilidade única e exclusiva das mulheres-mães. É sob esse entendimento que o sentido de pai presente é estabilizado, se sobrepondo à tríade masculinidade-pênis-paternidade. Apesar disso, a maioria dos comentários não ultrapassa a visão binária de gênero nem questiona os sentidos de transfobia que estão implicados na defesa do pênis como pré-requisito para a masculinidade/paternidade.

Considerações finais

Motivados pela polêmica gerada em torno da participação do ator, influenciador digital e vereador Thammy Miranda, um homem transexual, em uma ação digital da campanha de Dia dos Pais da empresa Natura, discutimos, as noções de masculinidades relacionadas a paternidade a partir da circulação de sentidos no Twitter. Trouxemos no título do artigo uma pergunta forte: “Pai precisa ter pau?” A intenção não foi de autorizar ou não a parentalidade transgênero, neste caso, em específico, se um homem transexual pode exercer a paternidade, até porque concordamos com Zambrano (2006), quando afirma que, embora impensáveis - e aqui acrescentamos: impensáveis frente à noção da masculinidade hegemônica -, as parentalidades homossexuais, travestis e transexuais são vivíveis. Destacamos que a análise empreendida é válida apenas para o contexto do *corpus* selecionado. No entanto, acreditamos que a discussão aqui iniciada fornece pistas para o desenvolvimento para outras pesquisas que evidenciem as parentalidades transgênero.

Com relação à análise dos sentidos sobre masculinidades/paternidade, identificamos a presença de cinco formações discursivas: pai tem que ter pênis, pai que abandona, pai é homem, pai presente e pai trans é pai. Destas, três as primeiras estão relacionadas à masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), por destacar a importância do órgão sexual masculino, dar menos importância à atividade do cuidado e reforçar o papel biológico do sexo. Já as últimas duas vão na contramão, colocando o cuidado com uma grande importância no papel da paternidade e reconhecendo no homem transexual o papel de pai, demonstrando a existência de outras formas de masculinidades.

Preciado (2017, p. 415), ao propor o manifesto da contrassexualidade, aponta que é preciso ir além de intervenções abstratas e, de fato, “sacudir as tecnologias da escritura do

sexo e do gênero, assim como suas instituições [...]. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação”. É possível perceber que o caso Thammy e Natura no Twitter não alcança o objetivo da contrassexualidade, de mudança nas posições de enunciação. Ainda que tenha havido repercussão, o material analisado aponta que houve pouco avanço no debate, de modo que realmente alcançasse uma modificação ou mesmo uma reflexão sobre as posições de enunciação.

Por isso, inferimos que, no recorte observado, apesar de haver um movimento em curso, capaz de promover o debate sobre masculinidades e paternidade, ele não aponta para uma “mudança discursiva” (FAIRCLOUGH, 2016), no que tange aos sentidos cristalizados sobre preconceito e transfobia. Não há, de fato, uma reflexão com fins de desconstruir o que Preciado (2017, p. 417) chama de tecnologia social heteronormativa, pois a performatividade do gênero não é alterada. Antes de mais nada, a transexualidade expressa na campanha funciona mais como uma “falha constitutiva da máquina heterossexual”. Ou seja, a repercussão do caso aparece mais como apontamento da falha que constitui a máquina do que de fato uma prática subversiva capaz de romper com a construção política dessa biotecnologia.

Mesmo nos comentários que buscaram se posicionar favoráveis à campanha, nem todos citaram explicitamente a questão do combate à transfobia ou o reconhecimento da paternidade trans. O fato de usuários que defendem a campanha usarem o pronome de tratamento no feminino – “a Thammy” – é, também, uma demonstração de que o debate não alcança nem a dimensão linguística, e pode-se supor que menor ainda são as repercussões práticas no combate à transfobia.

Embora os comentários analisados não demonstrem grandes mudanças nas posições de enunciado, é necessário dizer que a ação da Natura para o Dia dos Pais, incluindo um homem transgênero, se tornou vetor importante para iniciar um debate na sociedade. Podemos fazer aqui uma relação com a noção de da masculinidade invisível, de Kimmel (1998, p. 105), segundo quem “os processos que conferem o privilégio a um grupo e não a outro grupo são frequentemente invisíveis àqueles que são, deste modo, privilegiados”. Ao apresentar um significado diferente do estabelecido hegemonicamente pela sociedade ocidental, foi possível tornar visível a questão da paternidade transgênero, impensável até há pouco tempo.

Por fim, destacamos que, ao ter contato com o material da coleta, empreendemos inicialmente uma categorização dos *tweets*, que não é abordada neste artigo devido às limitações de recorte. Na categorização, observamos atravessamentos das questões familiar, religiosa, política e econômica. Essas temáticas, ao perpassarem o debate, dão pistas de espaços relevantes para a produção de sentidos referentes às questões de sexo e gênero e que poderiam mobilizar outras análises com foco específico em tais questões e em suas interações. Com relação ao debate econômico permeando a pauta, a problematização relativa ao *pink money* se mostra importante, pois aponta para reflexões menos superficiais, de sujeitos que veem a necessidade de um debate e uma problematização da presença trans em empresas e em outros espaços que vão além da simples busca por conquistar consumidores da comunidade LGBTQIA+. São achados que podem pautar reflexões futuras.

Referências

- BENTO, Berenice. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2015.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2015.
- CONNELL, Robert W.; MESSERCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GEHRKE, Marília; BENETTI, Marcia. O Twitter como fonte no jornalismo guiado por dados. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 16, n. 3, p. 410-431, dez. 2020.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
- MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.
- PRECIADO, Paul B. O que é contrassexualidade? IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 411-419.
- _____. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: N-1 Edições, 2017.
- SACCHITIELLO, Bárbara. Natura defende Thammy e “todas as maneiras de ser homem”. *Meio & Mensagem*, 28 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2020/07/28/natura-defende-thammy-e-todas-as-maneiras-de-ser-homem.html>>. Acesso em: 27 set. 2020.
- SAMPAIO, Ronaldo Souza; GARCIA, Claudia Amorim. Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 91-102, abr. 2010.

SOUZA, Érica Renata de. Papai é homem ou mulher? Questões sobre a parentalidade transgênero no Canadá e a homoparentalidade no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 397-430, 2013.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. *Genealogias dissidentes: os estudos de gênero nas teses e dissertações em Comunicação do Brasil (1972-2015)*. 2019. 201 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

ZAMBRANO, Elizabeth. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 123-147, jul./dez. 2006.

Kalliandra Quevedo Conrad

Doutora e mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bacharela em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas, pela mesma instituição. Vice-líder do grupo de pesquisa Comunicação, Gênero e Desigualdades (UFSM) e pesquisadora do grupo Telas – Pesquisa Colaborativa, baseado na Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

Valquíria Michela John

Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente permanente dos cursos de graduação do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Ficção Seriada (NEFICS) e do grupo Comunicação para o Século XXI (COMXXI). Atua também na Agência Escola de Comunicação Pública e Divulgação Científica da UFPR. É integrante da Rede Obitel Brasil, ligada ao Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (Obitel). Pesquisadora PQ2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Regiane Regina Ribeiro

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente permanente dos cursos de graduação do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Diretora do Setor de Artes, Comunicação e Design e coordenadora da Agência Escola de Comunicação Pública e Divulgação Científica da UFPR. Líder do Núcleo de Estudos em Ficção Seriada (NEFICS).

Larissa Drabeski

Doutoranda e mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharela em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Tem MBA em Administração e Marketing pela Uninter. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Ficção Seriada (NEFICS).

Felipe da Costa

Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel em Jornalismo e em Relações Públicas. Pesquisador do Núcleo de Estudos em Ficção Seriada (NEFICS) e integrante da Rede Obitel Brasil.